

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS



CONIMBRIGA



VOLUME XXXVIII – 1999

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

ANTÓNIO RODRÍGUEZ COLMENERO, *O santuário rupestre galaico romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novas achegas para uma reinterpretação global*, Vila Real, 1999.

Na já vasta bibliografia sobre o santuário de Panóias, esta obra não é apenas mais um título, mas um trabalho que supera tudo quanto até agora se escreveu, quer pelo pormenor das descrições, quer pelo número e qualidade das fotografias e da reprodução de gravuras antigas, quer ainda pelas propostas de novas leituras assentes na mais demorada e paciente das observações jamais feita. Se a documentação fotográfica é excelente, os levantamentos topográficos são de menor qualidade e o da rocha I está lamentavelmente inserido de modo que a colagem do volume a interrompe.

Teve o autor a sorte de encontrar um manuscrito do primeiro terço do séc. XVIII, da autoria de António Rodrigues de Aguiar, abade de Valnogueiras, até agora desconhecido, manuscrito que se reproduz em *facsimile* e se transcreve, com descrições do maior interesse.

No primeiro capítulo, intitulado “Panóias, algo mais que um santuário rupestre”, transcreve o autor, do manuscrito de António Rodrigues de Aguiar, um excerto em que o abade diz “não tem dúvida aver antigamente neste povo alguma cidade ou terra grande”. E dá o abade notícia de achados feitos que realmente sugerem a existência de uma cidade. Não vai Colmenero ao ponto de sugerir aqui uma capital de *ciuitas*; pelo contrário, integra Panóias no território de *Aquae Flaviae*. Como noutro lugar propusemos, é muito possível que no sítio do Assento, no qual se integra o santuário, tenha havido realmente uma capital de *civitas*, mais do que “simples residência dos seus colégios sacerdotais e outros dignatários”. Não é de estranhar, pois, que Panóias tenha sido sede de um *pagus* da diocese suévica bracarense, onde os reis visigodos Sisebuto e Viterico cunharam moedas.

A leitura das inscrições corrige ou acrescenta anteriores transcrições e o autor apresenta uma inscrição inédita, também rupestre, consagrada a [Vur?]ebus.

Depois de recensear, no capítulo “Hipóteses interpretativas”, as várias opiniões que desde Argote foram propostas, com particular desenvolvimento para a de Alföldy, Colmenero apresenta a sua própria interpretação. O santuário teria origem pré-romana e teria sido utilizado antes da grande remodelação de C. Calpurnio Rufino. Distingue assim, com grande perspicácia, três fases para Panóias. Pelo menos na última, cultuaram-se aqui Serápis e Isis, no quadro de uma veneração generalizada das divindades orientais no Noroeste, quadro que Colmenero traça com erudita citação de referências. O destino de cada tipo de *lacus* é sugerido e a hipótese de Alföldy de uma “via sacra”, corroborada, embora se proponha um percurso contrário ao sugerido por aquele autor. A reconstituição do percurso e das cerimónias de culto é uma brilhante peça de reconstituição histórica.

JORGE DE ALARCÃO

CONTRIBUTI DI STORIA ANTICA IN ONORE DI ALBINO GARZETTI. Génova, Instituto di Storia Antica e Scienze Ausiliarie, 1976, 351 p.

La pubblicazione d'apertura è quella di Luigi Santi Amantini, “Sull'uso Storiografico di Fonti Letterarie e Dati Archeologici, a Proposito del Problema delle «Cronologie Plurime»”. Discute sulle possibili datazioni di alcuni reperti archeologici, inserendo la loro cronologia relativa in una cronologia assoluta. Si mette in evidenza il problema dello studiare i reperti originali, ormai perduti, dalle copie; applicando questo concetto alle opere letterarie si capisce la difficoltà che intercorre nel ricostruire un archetipo fedele dei testi delle opere antiche, lavoro fatto dagli studiosi sugli antichi manoscritti e codici derivati dai perduti, in gran parte, papiri. Tutto questo è difficile per i possibili errori durante la copiatura dei testi.

L'autore propone degli esempi concreti: sulle *Historiae Philippicae* di Pompeo Trogo e la ricostruzione di queste tramite la loro epitome di M. Giuniano Giustino, si giustificano i vari passaggi del testo con la creazione di livelli cronologici per questo; si applica poi un aconsonanza di termini tra letteratura e rappresentazioni figurate antiche, su come è possibile discuterci allo stesso modo, ci possono essere delle citazioni da fonti iconografiche più antiche; si discute sulla cronologia applicata agli scritti di Tuciddide e i fatti descritti da lui contemporanei, ecc.

La spiegazione concreta la fa quando utilizza questa cronologia applicata all'arte romana, la riutilizzazione di vari rilievi di epoche e imperatori precedenti, perfettamente riconoscibili, nell'arco di Costantino a Roma, ecc.

La conclusione è quella che ci sono due tipi di fonti su cui il ricercatore lavora, uno è quello “certo” dei reperti archeologici, e l'altro è quello che emerge dai diversi livelli di indagine, risulta più difficile lavorare su quest'ultimo, rielaborazione non pura delle informazioni.